

revista



espaço e tempo

Volume 20 • nº 3 (2016)

ISSN 2179-0892

Fast Policy

Igor Venceslau
USP

p. 698-701

Como citar este artigo:

VENCESLAU, I. Fast Policy. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 20, n. 3, p. 698-701, mês. 2016. ISSN 2179-0892.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/geosp/issue/view/6465>>. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2014.84539>.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

Fast Policy

PECK, J.; THEODORE, N. **Fast policy**: experimental statecraft at the thresholds of neoliberalism. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2015.

Os estudos sobre *globalização* ocuparam parte significativa da produção acadêmica durante a década de 1990 e início dos anos 2000, sendo facilmente encontrados em anais, teses, dissertações e nos livros daquele período, tanto das ciências sociais em geral quanto de geografia, em particular. As inúmeras análises buscavam dar conta das mudanças que marcaram o mundo pós-guerra, da mundialização do capital (Chesnais, 1996) à produção material (Benko, 1996), passando pelas diferentes atividades econômicas tradicionais e emergentes (Dickens, 1911) e pela nova forma-conteúdo que o meio geográfico adquire (Santos, 2012). Muitos autores ultrapassaram mesmo a fronteira do diagnóstico da perversidade para elaborar proposições de outra globalização possível, como Santos (2011).

Passadas quase duas décadas da publicação de obras que marcaram o debate sobre a globalização, um livro retoma a discussão para compreender um fenômeno que naquela época estava ainda em gestação: a crescente conexão entre as políticas públicas¹ como um dado do atual período, que são também aceleradas. Esse é o tema do livro *Fast Policy: experimental statecraft at the thresholds of neoliberalism*,² publicado em 2015 pelos geógrafos Jamie Peck e Nik Theodore, sem tradução para o português. Jamie Peck é professor e pesquisador em economia política urbana e regional do Departamento de Geografia da University of British Columbia, em Vancouver, Canadá. Professor e pesquisador na University of Illinois em Chicago, Nik Theodore ministra aulas sobre planejamento urbano e globalização. Ambos os autores têm vasta publicação sobre temas relacionados à globalização, ao neoliberalismo e à urbanização, com especial interesse na imbricação desses temas nos primeiros anos do século XXI. Conjuntamente, Peck e Theodore publicaram nos mais renomados periódicos dedicados à geografia, especialmente no mundo anglo-saxão. Em parceria com o geógrafo Neil Brenner, os autores publicaram *Afterlives of neoliberalism*, em 2012.

Fast Policy resulta de uma exaustiva pesquisa exploratória de quase uma década conduzida pelos autores em seis continentes, projeto intitulado *Policies Without Borders*.³ Os resultados apresentados nas trezentas páginas sintetizam uma jornada incansável de análise de documentos, trabalhos de campo, entrevistas e visitas em 14 países: África do Sul, Alemanha, Austrália, Brasil, Bolívia, Canadá, Espanha, EUA, França, Grã-Bretanha, Holanda, Indonésia, México e Namíbia. Além da introdução e da conclusão, o livro está estruturado em oito capítulos agrupados em três partes, e conta ainda com interessantes notas de texto, bibliografia atualizada e um vasto índice

1 A língua inglesa tem duas palavras equivalentes a *política* em português. *Politics* se refere à política partidária e a interesses particulares das relações de poder, além da ciência política. Já *policy* diz respeito a diretriz ou programa de governo, como no caso de *política pública*. A política a que se refere o livro é *policy*.

2 Em português, a tradução do título poderia ser “Política rápida: estadismo experimental nos limiares do neoliberalismo”.

3 Ou “Políticas sem fronteiras”, em português.

no fim. Cada parte contém também um capítulo com reflexões, um tipo de conclusão preliminar sobre os assuntos discutidos naquele fragmento do livro. Ao longo dos capítulos, quadros sintéticos e alguns mapas auxiliam o leitor a organizar as ideias e a não se perder da argumentação principal.

O objetivo do livro é explorar o encaixe⁴ social em torno da mobilidade das políticas, a institucionalização das práticas rápidas, os processos concretos que aceleraram o aprendizado transfronteiriço e a vida dos atores cosmopolitas. A “política rápida” se refere a uma condição de aprofundamento da interconectividade transnacional, na qual experiências de política local existem em relação a referenciais próximos e distantes, com modelos itinerantes e projetos tecnocráticos e com redes financeiras, técnicas, sociais e simbólicas que invariavelmente se ligam a centros de poder e persuasão. O recorte empírico feito pelos autores contempla basicamente duas políticas: os programas de transferência condicionada de renda e o orçamento participativo. Os autores fazem ainda a opção metodológica de trabalhar com o par dialético “fixidez” e “movimento” para analisar a elaboração das políticas contemporâneas.

A primeira parte do livro apresenta, em dois capítulos, a ideia de “política rápida”. Os autores elaboram um breve estado-da-arte da geografia das políticas públicas, apontando as principais abordagens – ortodoxa, socioconstrutivista e mobilidade-mutações – e diferenciam transferência de políticas e mobilidade de políticas. Em seguida, abordam a problemática transferência de políticas como um fenômeno intrinsecamente geográfico. As reflexões da parte 1 levantam contribuições importantes nos campos teóricos e metodológicos. A parte 2 é dedicada às políticas de transferência condicionada de renda, com destaque para os programas Bolsa Família (Brasil), Chile Solidario (Chile), Keluarga Harapan (Indonésia), Progres/Oportunidades (México) e Opportunity NYC (EUA). Os autores demonstram o papel do Banco Mundial e do BID na aplicação de modelos tecnocráticos e medidas estritas de avaliação, usando o caso mexicano e várias conferências mundiais para difundir essas práticas. Nas reflexões, se debruçam sobre o debate da condicionalidade das políticas de renda. A terceira parte trata especificamente da política de orçamento participativo, analisando o caso de Porto Alegre e outras sucessivas experiências em diversas cidades, num contexto pós-Consenso de Washington. As reflexões da última parte indagam o papel do Banco Mundial, mas também do Fórum Social Mundial na difusão da experiência brasileira.

Mesmo não sendo o Brasil o tema principal do livro, os autores fazem uma análise atualizada do país a partir de um olhar forâneo. O Brasil em *Fast Policy* é entendido como uma corrente de ideias e práticas oposta ao Banco Mundial, com influência em diversos países da América Latina e África. Por meio de entrevistas com os gestores públicos de alto escalão responsáveis tanto pelo Bolsa Família quanto pelo Orçamento Participativo de Porto Alegre, o livro aponta a especificidade e a originalidade da experiência brasileira e como o Banco Mundial e o BID sempre resistiram reconhecer a iniciativa do Brasil e trabalharam em favor de deturpá-la e vendê-la como produto global. Os organismos internacionais usaram muito mais o exemplo do maior programa de transferência de renda, o brasileiro, para persuadir países a aplicar

⁴ Tradução nossa da palavra inglesa *embeddedness*.

seus modelos ortodoxos do que o contrário; o mesmo ocorreu com a política do orçamento participativo. Mesmo apontando contradições nos exemplos de políticas brasileiras, os autores concluem que foram genuínas iniciativas de correção de desigualdades históricas no país, muito além das conservadoras políticas de controle social dos organismos internacionais.

Na conclusão, os autores retomam aspectos das duas políticas analisadas para elaborar uma síntese que apresenta todas as características dessa política típica da globalização – rápida, móvel, transfronteiriça, replicável, tecnocrática, experimental e pragmática. Refletem ainda a respeito da imitação, da mutabilidade e da modelagem nas políticas rápidas, com atenção às contradições intrínsecas a elas, especialmente oriundas de experimentos antineoliberais.

A bibliografia da obra é variada, mas mantém o traço majoritário de autores anglo-saxões. De geógrafos a sociólogos, historiadores, economistas e filósofos, Peck e Theodore se valem de uma rica gama de autores que vão desde Hagerstrand, Featherstone e Latour a Boaventura de Sousa Santos, Neil Brenner e Baiocchi, passando por publicações oficiais de diversos órgãos locais, nacionais e internacionais. Ainda que implícita, a abordagem que os autores fazem do espaço geográfico pode ser entendida como relacional, buscando a conexão de diversos fenômenos e o jogo dos atores nas diferentes escalas.

Pelo seu tom quase narrativo, a obra pode ser lida por um público variado, como acadêmicos, gestores públicos, estudantes ou interessados no tema. Trata-se de um rico material que reúne o testemunho de dezenas de entrevistados, muitos deles dos gestores públicos responsáveis diretos sobre as políticas, bem como documentos escritos em diferentes idiomas e lugares. O livro é certamente uma importante referência para entender a ação dos organismos internacionais e a replicação de suas políticas, mas também é um capítulo contemporâneo da resistência, originalidade e adaptação dos lugares face aos vetores mundiais. Os autores conseguiram trabalhar com as escalas local e global sem perder de vista – do contrário, revelando centralidade e atualidade – da já quase esquecida escala nacional.

Um geógrafo poderá sentir falta de material iconográfico em geral – gráficos, tabelas, fotografias e principalmente mais mapas, constatação que não retira o mérito da obra. Já o escasso uso de conceitos e categorias da geografia e a interlocução não explícita com teorias geográficas ao longo da análise poderão ser apontados como deficiência maior pelo leitor da disciplina. Se por um lado, o texto exagera em citações diretas das entrevistas, por outro, mobiliza com precariedade a bibliografia nacional dos países analisados. No caso brasileiro, poucos autores do país aparecem na obra, mesmo que trabalhos importantes sobre a temática já tenham sido produzidos, dando a impressão de que a produção acadêmica local e nacional é escassa.

O livro *Fast Policy* indica o não esgotamento do tema sobre a globalização, apontando um futuro repleto de conflitos e interesses diversos, mas também de alternativas locais e nacionais que se contrapõem eficazmente, ainda que por período determinado, aos vetores neoliberais. Certamente, o desafio de compreender a dinâmica atual do mundo, captando suas contradições e elaborando perguntas pertinentes com respostas adequadas, passa pela consideração de todos os atores, estratégias e escalas geográficas, recuperando o papel central exercido pelo nacional na relação entre o lugar e o mundo.

Referências

- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. Tradução de Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.
- DICKEN, P. **Global shift: mapping the changing contours of the world economy**. 6. ed. New York/London: The Guilford Press, 2011.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.